



EDIÇÃO ESPECIAL


EXPOSIÇÃO NACIONAL DA FENACALAB (UNICA DOS PETROLÍFEROS)
XVIII CONFUP
15 a 19 de julho de 2020 | Modo virtual

**DEMOCRACIA
EMPREGO
REVOLUÇÃO DIGITAL**

**VAMOS
À LUTA!**



Petroleiros de todo o país participaram, de 15 a 19 de julho, e pela primeira vez na história de forma virtual, do XVIII CONFUP. O encontro não ficou atrás dos presenciais, e, como os anteriores, foi marcado pela participação, pela pluralidade de palestrantes e de assuntos e, especialmente, pelo fortalecimento da unidade da categoria, mesmo em tempos de pandemia. Com o tema “DEMOCRACIA, EMPREGO E REVOLUÇÃO DIGITAL” o Congresso teve no centro dos debates a definição de estratégias de luta para barrar as privatizações e a reconstrução do Sistema Petrobrás, impedir o desmonte do Acordo Coletivo de Trabalho e restabelecer a democracia. Ao todo, 421 trabalhadores se inscreveram para o 18º Confup, entre delegados, suplentes, observadores, assessores e jornalistas. As atividades se deram através de lives nos canais da FUP no Youtube e Facebook, além de reuniões virtuais reservadas aos inscritos. Nesta edição especial do PAPO DIRETO, queremos dividir com os trabalhadores um pouco do que foi debatido no encontro.

SOLIDARIEDADE ÀS FAMÍLIAS DAS VÍTIMAS DA COVID-19

O painel de abertura, que teve como tema o do próprio Congresso - “Democracia, emprego, revolução digital” - foi com a presença do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello. Contou também com participação do ex-coordenador da FUP, José Maria Rangel, das diretoras da Federação, Cibele Vieira, Miriam Cabreira e Fafá Viana e do atual coordenador, Deyvid Bacelar.



No início do painel, o ex-coordenador da FUP, José Maria Rangel, frisou a importância de prestar a solidariedade da categoria petroleira para as famílias dos milhares de mortos pelo coronavírus. Lembrou que a PEC dos Gastos Públicos (que ficou conhecida como

“PEC da morte”), aprovada no governo Temer e aprofundada no governo Bolsonaro, congelou os recursos públicos, inclusive para a saúde, por 20 anos. E reiterou o papel da Petrobrás: “A Petrobrás poderia estar atuando de maneira

decisiva neste momento, mas por uma ação deliberada de desmonte da empresa, um projeto antinacional, a empresa está se apequenando”, lamentou ele.

(Continua nas páginas 3 e 4)



Sindipetro-RS | Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Sul | Filiado à FUP, CNQ e CUT

Diretoria Responsável: Alexandre, Alessandro, Alfredo, Ana, Bruno, Cadore, Daniel, Dary, Deporte, Elida, João Aloisio, Lautert, Lameira, Lisboa, Luci, Maia, Mateus, Mirian, Neide, Orlando, Paulo, Quadrado, Russo, Sobral e Terterola - **Jornalistas Responsáveis:** Nara Roxo (MTb 6.771) e Rita Cardoso (Mtb 14.278).

Porto Alegre
Av. Lima e Silva, 818 - Cidade Baixa,
CEP 90050-100 | Tel: (51) 3226.2799
secretaria@sindipetro-rs.org.br

Canoas
Av. Victor Barreto, 3288 - Centro,
CEP 92010-000 | Tel:(51) 3472.4622
delegaciacanoas@sindipetro-rs.org.br

Litoral Norte
Rua Deolindo Maggi, 52 - Centro, em Osório.
CEP 95520-970 | Tel:51) 3663.2763
delegacialitoralnorte@sindipetro-rs.org.br

Rangel também frisou que é fundamental a luta pela democracia, o que inclui lutar pelos direitos da classe trabalhadora, que foram aviltados desde o Golpe de 2016 e seguem agora com o governo Bolsonaro, e em defesa da Petrobrás.

ESTAVA RUIM, FICOU PIOR

Na sua fala, a diretora do SINDIPETRO-RS, Miriam Cabreira, falou sobre a mudança do papel da Petrobrás no pós-Golpe, que trouxe impactos para os trabalhadores e para a população em diversas situações. Entre estas estão a mudança dos preços dos combustíveis,

na política de paridade de importação, redução de salários dos terceirizados, sistemáticos ataques aos trabalhadores diretos, além de práticas antidemocráticas, com medidas unilaterais, ataqu

“Em vez de se concentrar em ações para evitar que o vírus se proliferasse, a empresa focou na retirada de direitos dos trabalhadores”.

ques a direitos e a desconsideração pelas representações dos trabalhadores. “Cada

instante que passa esta gestão mostra como está alinhada à cartilha bolsonarista”, pontuou a dirigente.

Miriam também destacou que durante a pandemia, em vez de se concentrar em ações para evitar que o vírus se proliferasse, a empresa focou na retirada de direitos dos trabalhadores, com o plano de resiliência, reduzindo salários e uma série de outras medidas. Por fim, destacou: “Estamos num cenário de incertezas e se antes as medidas em relação as privatizações já estavam sendo feitas de forma criminosa, colocando a empresa em situação de fragilidade, agora é ainda mais preocupante”, finalizou.

“ESTAMOS NOS TORNANDO UMA REPUBLICUETA”

Último a falar no painel de abertura, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciou sua fala denunciando o desmonte do Estado pelo atual governo e os interesses estadunidenses na Petrobrás. “Estamos nos tornando uma republicueta. Exportando óleo cru e importando derivados, de péssima qualidade como foi o caso da gasolina estragada de avião”, lembrou ele.

Durante cerca de 50 minutos, o ex-presidente resgatou os avanços da Petrobrás no seu governo e os importantes investimentos feitos na e para a estatal, que levou a descoberta do pré-sal e a uma capacidade técnica entre as melhores do mundo. E não escondeu seu sentimento: “eu tenho orgulho da minha relação com a Petrobrás. Nunca tratei a Petrobrás como empresa de petróleo. Eu sempre tratei como uma indústria



geradora de desenvolvimento, como carro chefe em pesquisa, inovação e produção de novas tecnologias”, frisou ele.

Lula, a exemplo de muitos analistas políticos ao longo dos últimos anos, também reiterou a

“Defender a Petrobrás é uma coisa de 210 milhões de brasileiros. Temos de gritar todos os dias: o Brasil não está à venda, o Brasil não é mais colônia”.
LULA

relação entre o golpe de 2016 e os interesses no pré-sal e acrescentou que a Lava Jato também fez parte deste conluio. Para ele, era preciso desmoralizar a Petrobrás para atender aos interesses dos norte-americanos de desmontar o regime de partilha e, para isso, era necessário desmoralizar o Partido dos Trabalhadores (que estava no governo) e tirar a presidente Dilma Rousseff.

De fato, recentemente, tanto o The Intercept como outras fontes de notícias dos últimos dias, dão conta da relação do FBI e de membros do governo americano com a Lava Jato e os promotores que estiveram à frente da operação no Brasil. Uma situação que fica ainda mais clara quando se analisa as políticas entreguistas que foram adotadas pelo governo Temer e agora por Bolsonaro e seu ministro Paulo Guedes.

ESTENDER A LUTA EM DEFESA DA PETROBRÁS A TODA A POPULAÇÃO

Para Lula, é fundamental que a categoria petroleira consiga estender a luta contra a privatização da Petrobrás a toda população brasileira.

(Continua na página 4)

“Os petroleiros têm o dever de contar essa história para a sociedade brasileira. Os petroleiros não podem falar apenas com os petroleiros, têm que falar com o país. Não produzam boletins para petroleiros, produzam boletins para a sociedade. Para que todos saibam o que está acontecendo na maior empresa

estratégica desse país”, apontou o ex-presidente.

O que precisa ser comunicado, de acordo com Lula, é a privatização da maior empresa nacional. “Defender a Petrobrás é uma coisa de 210 milhões de brasileiros. Temos de gritar todos os dias: o Brasil não está à venda, o Brasil não é mais colônia”.



E AINDA.....

TEREZA CAMPELLO - Em sua fala, a ex-ministra lembrou que a categoria petroleira está sempre à frente de diversas lutas, mas principalmente na resistência a entrega da Petrobrás.

CIBELE VIEIRA - A diretora do Sindipetro Unificado-SP chamou atenção para a questão dos empregos. “Chegamos a ter 446 mil trabalhadores, 360 mil terceirizados e 86 mil próprios, em 2013. Somente em 2014, com a paralisação das obras devido à Lava Jato, houve a redução de 69 mil trabalhadores terceirizados e 6 mil próprios. De 2013 para hoje, são 285 mil trabalhadores a menos”.

FAFÁ VIANA - A diretora do Sindipetro/RN tratou de outras áreas que estão sendo foco das políticas de privatização do governo. “O governo Bolsonaro tem sido o principal obstáculo para as ações de preservação da vida. Ele se aproveitou da pandemia para retirar a Petrobrás do Nordeste, para privatizar a água, para acelerar todas as medidas que comprometem a soberania nacional. Essa situação pode nos levar a dois extremos: uma barbárie ou a uma saída positiva”.

ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA DA FUP PARA O PERÍODO 2020/2023

No primeiro dia do Congresso foi apresentada a chapa para direção da FUP no período 2020/2023, realizada a votação e dada a posse aos membros eleitos.

Durante as falas em defesa da chapa, formada por consenso, o diretor do SINDIPETRO-RS, Dary Beck Filho, destacou que se tratava de uma chapa de construção coletiva, composta por várias correntes políticas. “Precisamos de unidade para enfrentar a complexidade da conjuntura, a pandemia, o governo, que quer destruir a Petrobrás e os direitos dos trabalhadores. É importante que possamos construir um esforço conjunto, não só da direção, mas de toda a categoria, porque teremos desafios gigantes pela frente”, acrescentou ele. Os representantes do SINDIPETRO-RS na direção da FUP são **Fernando Maia da Costa**, na Secretaria de Política Sindical e Formação, e **Miriam Cabreira**, como suplente.

O Confup é o principal fórum de deliberação da categoria, onde são discutidos e votados encaminhamentos políticos, pautas de reivindicações e planos de luta que foram aprovados durante os congressos estaduais, realizados pelos sindicatos filiados.

O MUNDO PÓS-PANDEMIA

*No segundo dia do encontro, os painéis trataram do mundo do trabalho pós pandemia, racismo e classe trabalhadora. O primeiro painel do dia - “Mundo do Trabalho Pós-pandemia: relações trabalhistas e novas tecnologias” - esteve a cargo da socióloga do trabalho e professora da Unicamp (SP), Selma Venco e da economista e doutora em desenvolvimento econômico, Marinele Teixeira, também professora da Unicamp e assessora sindical. A mediação foi do diretor da FUP, Alexandre Guilherme. O segundo painel, tratou do tema “Racismo estrutural e a classe trabalhadora”, com o historiador e professor da UFRJ, Flávio Gomes; a quilombola e ativista da Via Campesina, Selma Dealdina; e a socióloga política e professora da Universidade de Leeds, no Reino Unido, Katucha Bento. **LEIA MAIS NAS PÁGINAS 5 E 6.***

O MUNDO PÓS-PANDEMIA



LÓGICA DA UBERIZAÇÃO

Selma Venco fez uma breve recuperação histórica do mundo do trabalho citando o Taylorismo e o Fordismo. Segundo ela, se o taylorismo se caracterizou pelo controle do tempo dos trabalhadores e os ganhos por produtividade, o fordismo pegou os princípios do taylorismo e intensificou, com a máquina determinando a velocidade do trabalho. “Nesse período as grandes concentrações de trabalhadores no mesmo ambiente facilitaram a organização da classe trabalhadora e a realização de greves por férias e melhoria das jornadas de trabalho. Um período de muito avanço para o movimento sindical, que não agradava aos capitalistas”, disse.

A globalização aparece depois amplificando a lógica da competitividade, a flexibilização da forma da produzir e das relações de trabalho, com a terceirização, a dispersão dos trabalhadores e a perda de muitos direitos e dos vínculos com sua categoria original. “Inicia aí um período de muito desemprego, com um recuo nas organizações dos trabalhadores que passam a se afastar dos sindicatos por medo de perder seu emprego”.

Quando se pensa que as relações já estão aprofundadas, diz ela, surgem inovações e inicia o fenômeno da “uberização”, que é baseado na economia compartilhada, uma proposta que ela compara a

outros modelos, como o trabalho desprotegido de direitos, as jornadas de trabalho estendidas, o cadastro de autônomo, a necessidade de estar disponível e de ser avaliado.

“O capitalismo não entra no distanciamento social, ele não tira férias. A crueldade desse sistema vai se aproveitar da fragilidade da vida para usurpar ainda mais”.

A novidade é que elas funcionam através de plataforma digitais e as pessoas “pagam” para trabalhar, um modelo que, segundo ela, veio para ficar e deve se alastrar para outras profissões.

Ela ponderou, no entanto, que a crença na resistência por parte da classe trabalhadora é muito forte e exemplificou isso com as greves organizadas antes pelos trabalhadores da Uber e agora a dos entregadores de aplicativos no Brasil.

Fez ainda um alerta quanto ao que está por vir após a pandemia: “O capitalismo não entra no distanciamento social, ele não tira férias. A crueldade desse sistema vai se aproveitar da fragilidade da vida para usurpar ainda mais”.

IMPACTOS GIGANTES NAS RELAÇÕES TRABALHISTAS

A professora e economista Marilane Teixeira, apontou para a necessidade de enfrentamento de uma das maiores crises vivenciadas no país, com impactos gigantes nas relações trabalhistas, desemprego e flexibilização de direitos em dois cenários: a pós pandemia no mercado de trabalho e o avanço tecnológico pós crise.

Frisou que a pandemia evidencia a realidade social e acelera o movimento já em curso na sociedade e no trabalho, como as reformas, o trabalho informal e o aumento da pobreza e desigualdade social, representando um período de profundas incertezas. “Não sabemos quando vamos retornar aos nossos trabalhos com segurança, quando as atividades econômicas serão normalizadas e os desempregados inseridos no mercado de trabalho. Arelados a isso, no Brasil existe uma combinação de várias crises, a sanitária, a econômica, ambiental, social e política”, pontuou ela.

Mas, lembrou, que muitas revoluções históricas se deram a partir das crises. “Precisamos discutir o lugar do trabalho frente às novas tecnologias ou as novas tecnologias dentro do mundo do trabalho. Não existe uma substituição, esse fundamento de que está se perdendo a importância do trabalho não se confirma”.

A economista também falou sobre a inserção de novas tecnologias, como é o caso do teletrabalho, experiência já vivenciada por alguns petroleiros. “Isso tudo é um processo de disputa política, a tecnologia pode ser disputada e equilibrada do ponto de vista do interesse do nosso trabalho. Vai depender da forma como a gente realiza essa disputa na sociedade”, concluiu.

O MUNDO PÓS-PANDEMIA

QUANTOS(AS) PETROLEIROS(AS) NEGROS(AS) HÁ NA CATEGORIA?



A pergunta permeou os debates do ConFUP sobre o racismo estrutural. O historiador Flávio Gomes afirmou que estudos recentes indicam que mais de 60% dos óbitos causados pelo coronavírus no país são de pessoas negras. A afirmação foi corroborada pela quilombola Selma Dealdina, e pela socióloga política, Katucha Bento, que enfatizaram que a pandemia tem um impacto muito mais cruel sobre a população negra.

As mulheres negras são as que mais morrem no setor da saúde; os negros dominam as filas para receber o auxílio emergencial da CAIXA, uma situação que apenas reflete um racismo histórico, hoje chamado de racismo estrutural, uma forma de dizer que o sistema brasileiro tem preferência e privilegia uma parcela branca da sociedade.

“Temos uma estrutura que está pronta para matar as pessoas negras, seja ela quem for. As pessoas que estão dentro

do sistema, reproduzem o discurso colonial, porque é uma questão que continua fluindo”, disse Katucha Bento, questionando: como os petroleiros vão se comprometer em modificar o racismo estrutural?

“A covid-19 só veio para acentuar ainda mais esse problema. Lembre-se que a primeira vítima do vírus foi uma mulher negra e doméstica”.

A resposta veio do mediador, Jailton Andrade, que informou a articulação de um grupo para fazer o debate dentro da própria Federação.

Em sua fala, o historiador Flávio Gomes tratou sobre os direitos trabalhistas conquistados no século XX, como a jornada de oito horas, e a consolidação das formas de organização da classe trabalhadora, que

são resultado das lutas diárias dos trabalhadores, desde a escravidão. Ele criticou a falsa ideia de que há uma desvinculação da escravidão com o mundo do trabalho. “É como se o trabalho só tivesse passado a existir após a abolição, como se a história do trabalho só pudesse estar vinculada à experiência do trabalhador livre”.

Já Selma Dealdina falou sobre o sistema brasileiro, que conta uma história única e racista. Disse que a reforma agrária começou no quilombo, mas que essas terras nunca foram protegidas. Segundo ela, o Brasil racista impede a igualdade desde o fim do século XIX, quando, por lei, impediu que os quilombolas tivessem suas terras. O resultado dessa linha desigual na história é a desigualdade, escancarada na pandemia. “A covid-19 só veio para acentuar ainda mais esse problema. Lembre-se que a primeira vítima do vírus foi uma mulher negra e doméstica. Esse é o racismo estrutural e as chibatadas não vão cicatrizar”, completou.

RACISMO NÃO É ROMÂNTICO, ELE MATA

Para Katucha, falar de raça a partir de uma divisão de classe naturaliza a violência que veio depois da escravidão. “Não são as pessoas, mas as instituições que têm essa raiz. E é lógico que isso reflete na classe trabalhadora. Não é uma coisa romântica, o racismo mata. Sempre matou”, fez questão de frisar a pesquisadora.

UM RESGATE DAS LUTAS

No ConFUP foi apresentado um vídeo com resgate das principais lutas que a FUP e seus sindicatos travaram ao longo dos últimos anos em defesa da democracia e da soberania nacional. O vídeo é uma homenagem a todas as gestões que estiveram à frente da Federação nos embates contra os ataques da Lava Jato à soberania nacional e ao Estado Democrático de Direito, as privatizações no Sistema Petrobrás, as tentativas sucessivas de entrega do pré-sal, o golpe de 2016, a perseguição e prisão política do ex-presidente Lula e os ataques contra os direitos da classe trabalhadora.



GESTÃO PETROBRÁS, RELAÇÕES SINDICAIS, PENDÊNCIAS DAS NEGOCIAÇÕES E MASCULINIDADES

Os temas descritos acima integraram os painéis do terceiro dia do Confup. O tema “Gestão Petrobrás, relações sindicais e pendências das últimas negociações sob a mediação do TST”, ficou a cargo do assessor jurídico da FUP, Normando Rodrigues e do assessor do DIEESE, Cloviomar Cararine. Já o painel “Masculinidades”, foi com Ruth Venceremos, artista drag queen do Distrito Drag e do coletivo LGBT Sem Terra; do petroleiro aposentado Hermes Rangel, facilitador do programa “E agora José?”; e do advogado e gestor de projetos culturais, Gustavo Seraphim, idealizador do “Fio da Conversa”, uma iniciativa que investiga os fazeres manuais têxteis e as masculinidades. A mediação foi do diretor da FUP e do Sindipetro-NF, Tadeu Porto.

O QUE É SER HOMEM NA ATUALIDADE



Entender as possibilidades de novas masculinidades foi o centro da mesa pensada e organizada pelo Coletivo Nacional de Mulheres Petroleiras da FUP. Os debates trataram de masculinidades dentro de uma categoria eminentemente masculina e que também se sente desafiada a refletir sobre o que é ser homem na atualidade. Dos cerca de 57 mil empregados da Petrobrás, 48 mil são homens (dados de 2019).

Para Ruth Venceremos, discutir masculinidade é um exercício necessário para avançar na discussão de novas relações sociais e de gênero.

Ela associa a sua luta ao

combate ao próprio capitalismo, e elogiou a iniciativa dos petroleiros em colocar o tema em debate. “No fundo estamos discutindo que sociedade queremos. Temos que combater o patriarcado, mas também temos que combater o capitalismo que utiliza o patriarcado como forma de se manter. E essa discussão é coletiva, por isso é importantíssimo quando um coletivo tão importante para o país, como o dos petroleiros, faz essa discussão”, ponderou

Na sua fala, pontuou questões como a divisão de tarefas domésticas, o modo como a maioria dos homens ainda vê

as mulheres e desafiou os homens a fazerem uma autocrítica, defendendo que é papel masculino refletir sobre os privilégios que ainda mantêm na sociedade.

Gustavo Seraphim foi na mesma linha e destacou que este diálogo é vital. “Essa masculinidade tida como hegemônica, esse estereótipo de masculinidade, é prejudicial não apenas para as mulheres, para os homens homossexuais, para toda a comunidade LGBTQ+, mas também para os próprios homens, que acabam tendo que se encaixar dentro desse estereótipo, uma armadilha que aprisiona esses homens dentro de uma caixa de padrões pré-definidos e impossibilitam uma diversidade maior de possibilidades de ser homem. Principalmente dificulta uma possibilidade de ser humano mesmo”, defendeu ele.

E AGORA JOSÉ?

Hermes Rangel, que é diretor do Sindipetro Unificado de São Paulo, expôs a experiência do programa “E agora, José?”, em Santo André (SP), que atende a homens encaminhados pela Justiça por terem praticado violência de gênero.

O projeto nasceu como resposta ao previsto no artigo 35 da Lei Maria da Penha, que determina a criação de centros de educação para homens que sejam condenados por violência de gênero.

“O programa existe desde 2014, começou com o atendimento a 27 homens. Hoje já são mais de 300 homens atendidos. E nenhum deles retornou para o grupo. Então, em tese, a gente acredita que eles estão repensando as suas masculinidades, as suas violências. Pelo menos saíram do programa com alguma motivação, com algum questionamento para tomarem cuidado com as suas atitudes”, explicou.

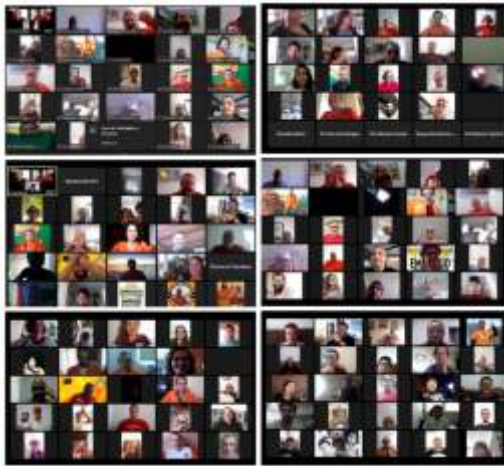


DELIBERAÇÕES DO 18º CONFUP

Após intensos debates durante os cinco dias de Congresso, os petroleiros encerraram o encontro com a construção de uma pauta de reivindicações e um calendário de lutas que tem como eixos a **DEFESA DO ACT, do SISTEMA PETROBRÁS e da DEMOCRACIA**. Os debates realizados no ConfFUP também apontaram que a construção da unidade da classe trabalhadora é determinante na superação da mais grave crise da história do Brasil, assim como a reconstrução do Sistema Petrobrás e dos direitos dos trabalhadores e estas questões passam, necessariamente, pela queda do governo fascista e genocida de Jair Bolsonaro. Assim, o encontro aprovou a ampliação da campanha pelo FORA BOLSONARO, eleições diretas e anulação de todas as medidas deste governo.

OUTRAS RESOLUÇÕES:

- ☞ **FAFEN/PR** - Anistia dos trabalhadores(as) demitidos arbitrariamente pela atual gestão;
- ☞ **COVID-19** - Solidariedade às vítimas da Covid-19, aos profissionais de saúde que estão na linha de frente de combate à doença e repúdio às atitudes do governo Bolsonaro na pandemia;
- ☞ **PRIVATIZAÇÃO** - Barrar as privatizações em curso no Sistema



Petrobrás como principal tarefa da Categoria; criação de campanha nacional, que unifique ações que estão sendo realizadas regionalmente, como a “Fica Petrobrás”, e as diversas frentes de luta, envolvendo outras categorias, movimentos populares, entidades da sociedade civil e representações políticas; melhorar a comunicação com a sociedade e o engajamento nas redes sociais; ações jurídicas e políticas em torno de uma pauta unitária, em defesa da soberania nacional; construção de uma comissão para executar esses encaminhamentos com participação dos sindicatos, movimentos sociais, assessorias parlamentares e outras instituições influenciadoras da opinião pública.

PAUTA DE REIVINDICAÇÕES

O Congresso também delibe-

rou sobre as reivindicações, eixos de luta, estratégias e calendários de mobilização durante a negociação do Acordo Coletivo de Trabalho. **Ao longo da semana, a FUP divulgará a pauta na íntegra.** Entre as principais deliberações em relação ao ACT, estão:

- ✓ Proposta de referência para a negociação coletiva do regramento do **teletrabalho**, com cláusulas protetivas no ACT e a garantia de que a adesão seja opcional;
- ✓ Regramento das **tabelas de turno** no ACT, com proteção à jornada de trabalho, relação trabalho x folga e preservação da quinta turma;
- ✓ Ampliação da luta pela **recomposição dos efetivos e condições seguras de trabalho**;
- ✓ Defesa da **Petros** e da **AMS**;
- ✓ Medidas protetivas para os trabalhadores **terceirizados** (fundo garantidor);
- ✓ Restabelecimento da **validade do ACT** por dois anos;
- ✓ Suspensão das **punições e perseguições políticas** por participação nas greves de 2019 e fevereiro de 2020;
- ✓ **Garantia de emprego**;
- ✓ Reposição das **perdas salariais**;
- ✓ Reparação dos direitos violados pelas **medidas de resiliência** impostas pela gestão da Petrobrás.

Todos os painéis transmitidos pelo youtube podem ser acessados no canal da FUP e no facebook: <https://www.youtube.com/fupbrasil> e <https://www.facebook.com/fupetroleiros>

NOTAS

LANÇAMENTO DE LIVRO

Durante o ConfFUP, o Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis Zé Eduardo Dutra (INEEP) fez o lançamento do livro “**Desinvestimento e desregulação da indústria de óleo e gás: o caso brasileiro e as lições internacionais**”. A publicação reúne diversos artigos dos pesquisadores publicados ao longo de 2019. O link para download gratuito do livro está disponível no site do SINDIPETRO-RS. A live completa pode ser conferida na página do Facebook da entidade.



LIVE SHOW

Na Sexta (17) à noite, o **instrumentista e cantor baiano Gerônimo** foi a atração cultural do 18 Confup. Filho de petroleiro, ele é um dos expoentes mais proeminentes da musicalidade baiana, com mais de 20 discos gravados.



DOCUMENTÁRIO

Encerrando o 18º ConfFUP, o Sindipetro-PR/SC lançou um **mini documentário, resgatando a história do maior acidente ambiental do Paraná**. Em 16/07/2000, um acidente ampliado na Repar, despejou 4 milhões de litros de petróleo nos rios Barigui e Iguçu. O vazamento atingiu uma vasta Área de Preservação Permanente do Bioma da Mata Atlântica. Agora, 20 anos depois, a situação da Repar é muito semelhante. Poucos trabalhadores e recursos para manutenção deixam a ameaça de um novo acidente ampliado real.

